
ORQUESTRA DE CÂMARA DA UNIOESTE

Stéfano Paschoal¹

RESUMO: Este artigo versa sobre a orquestra de câmara da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Mostramos como a orquestra foi formada e como trabalhamos de forma a alcançar um repertório clássico e popular. O objetivo principal da orquestra – que é um projeto cultural – é desenvolver repertório clássico e popular, bem como mudar as formas de se pensar a arte em várias cidades do oeste do Paraná. Este artigo também mostra uma parte da história da orquestra de câmara e algumas definições musicais.

PALAVRAS-CHAVE: orquestra de câmara, repertório clássico e popular;

SUMMARY: This paper is on the chamber orchestra of Universidade Estadual do Oeste do Paraná. We show in it how the orchestra was formed and how we work in order to achieve a classical and popular repertory. The main objective of the orchestra – which is a culture project of this University – is to develop classical and popular repertory as well as to change ways of thinking art in several cities of West Paraná. This paper also brings a part of the chamber orchestra's history and some musical definitions.

KEY WORDS: chamber orchestra; classical and popular repertory;

¹ Professor doutor da Universidade Federal de Uberlândia -UFU - Uberlândia - MG
E-mail: stefandobert@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Neste artigo, que versa sobre o projeto, falaremos dos pressupostos metodológicos dos ensaios, das reuniões e das formas de realização do trabalho, ou seja, de desenvolvimento de repertório, esperando, assim, contribuir com outras universidades ou outros grupos que pretendam se dedicar à formação de pequenos grupos musicais e desenvolvimento de repertório específico.

O projeto, à época de sua retomada, coordenado pelo chefe da Divisão de Cultura, Prof. Dr. Stéfano Paschoal, foi incluído no programa de cultura da Pró-Reitoria de Extensão “Interface: Universidade e Cultura”, coordenado pela Profa. Dra. Valdeci Batista de Melo Oliveira.

Atualmente, o projeto está em andamento e tem obtido destaque por seu desenvolvimento e por sua atuante presença nos eventos não apenas da universidade, mas da comunidade em geral.

O QUE É UMA ORQUESTRA DE CÂMARA?

Orquestra de câmara é aquela que, por excelência, desenvolve um repertório de música de câmara. A música de câmara é uma forma de música erudita composta para um grupo pequeno de instrumentos que, principalmente durante o período Barroco e o Clássico, acomodava-se em pequenos ambientes.

Nos dias de hoje, considera-se música de câmara qualquer música executada por um pequeno número de músicos. Geralmente, esse tipo de música pode ser executado em ambientes pequenos. Entre os gêneros mais importantes de música de câmara, podemos mencionar o quarteto de cordas, o quinteto de sopros e de metais, mas também as mais diversas combinações de instrumentos, como, por exemplo, piano e flauta transversal, duo de violões, trio de acordeón, flauta e violão, etc.

Grupos menores, na maioria das vezes, dispensam a atuação de um regente. Para um projeto como o da UNIOESTE, todavia, a figura do regente, que é também o responsável pelos ensaios, é fundamental, até mesmo em formações como o quarteto, pois o grupo está, ainda, em formação.

A orquestra de câmara da UNIOESTE compõe-se de sete instrumentos: dois violinos I, três violinos II, uma viola, um violoncelo. Pretendemos ainda conseguir mais um violoncelista, mais um violista e mais um violinista (violino I).

Para a formação de um grupo de música de câmara, é imprescindível que o órgão proponente, além de fornecer os instrumentos (caso os músicos não tenham os próprios instrumentos),

deixe que os músicos cuidem deles e os levem para casa, pois não há como, sem dedicação e estudo, desenvolver a contento um repertório qualquer.

No caso da UNIOESTE, temos instrumentos que vão de muito bons a minimamente satisfatórios. Os muito bons foram doados pela *Staatliche Hochschule für Musik* (Faculdade de Música) de Karlsruhe, Alemanha, nos primeiros anos de nossa universidade. São eles: uma viola, um violino e um violoncelo, instrumentos de mais de 150 anos, de valor inestimável. Os minimamente satisfatórios são aqueles vindos por licitação, fabricados na China, que mais parecem de brinquedo e nos quais os músicos ficam limitados, pois geralmente o instrumento não “responde” às mudanças técnicas e às nuances de interpretação.

Para um grupo que se inicia no repertório camerístico, são imprescindíveis ensaios em que se priorizem as condições para a realização deste tipo de música. Normalmente, os municípios contam com músicos acostumados a estudar para tocar “solos”, ou seja, músicos que geralmente tocam sozinhos, principalmente quando se trata do estudo de teclado, piano, violão etc.

Na região oeste do Paraná, há um grande número de igrejas evangélicas que incluem em sua pauta a prática musical. Logicamente, como em todos os lugares, há bons músicos, que se dedicam, e aqueles que não são tão bons assim. Muitas vezes, não apenas nesses ambientes, mas em escolas de música do interior, percebemos um ensino musical nada satisfatório, principalmente no âmbito das cordas friccionadas, pois não são obedecidos os princípios de afinação, postura, tipo de toque etc. Não são poucos os casos narrados por músicos da região que já alcançaram um nível superior, em que lembram as fadigas primeiras aulas. Isto é reflexo da falta de investimento no ensino sério de música, típico de uma região ainda jovem, mas que tem buscado sanar tais problemas.

A execução da música de câmara exige dos estudantes, sobretudo, o exercício da audição. Apenas ouvindo o outro é que o músico aprende, também, a se ouvir. Aprender a se ouvir e ao outro é um requisito para se interpretar determinada peça e cumprir as dinâmicas de cada uma delas. Para isso, uma das práticas correntes nos ensaios da orquestra de câmara da UNIOESTE é a seguinte: os músicos devem, quando da aplicação de uma peça, no início, ler na grade musical, pois assim observam também as partes dos outros músicos. Apenas depois de familiarizado com as partes dos colegas é que se permite ao músico tocar com a partitura individual.

ESCOLHA DE REPERTÓRIO

No caso da orquestra de câmara UNIOESTE, embora tenhamos feito música de câmara no sentido estrito da palavra, como piano e violoncelo, piano e violino – em que o piano fazia a parte da orquestra [redução] –, predominam peças que oportunizam a participação do grupo inteiro. A primeira peça escolhida, surpreendentemente, foi *Eine kleine Nachtmusik* (Uma Pequena Serenata Noturna), de Wolfgang Amadeus Mozart.

Dizemos “surpreendentemente” por se tratar de uma peça de difícil execução. Logicamente, há vários músicos que, ao examinarem a partitura, dizem não encontrar nenhuma grande dificuldade. Do ponto de vista de leitura de notas e da constituição rítmica – à exceção de algumas síncopes – a peça não oferece, realmente, grandes dificuldades. O problema, porém, não é o que executar. É como executar. É tentar, num processo subjetivo e infinito, recuperar marcas do período em que a obra foi concebida, o Classicismo, bem como marcas estilísticas de seu compositor, Wolfgang Amadeus Mozart.

Entramos aí num campo bastante subjetivo: a recuperação de traços de uma época. Por mais que tentemos recuperar as principais características de determinada época, através de várias leituras, estudos, e mesmo aproveitando os momentos de formação, temos a consciência de alcançar, desta época, apenas aquilo que as lentes de nossa época nos permitem. Ou seja, todo ser humano, independentemente de sua vontade, está inserido num contexto histórico e cultural determinado, do qual não pode se abster. Assim, entendemos conceitos como *barroco*, *clássico*, *romântico*, influenciados pelo nosso tempo. Assimilamos as características que entendemos como características de dada época, baseados em documentos históricos. Mas mesmo os documentos históricos apontam apenas uma pequena parte do que tenha sido uma época.

Não se trata, assim, de recuperar a forma exata de execução de uma época, mas de se adequar às formas de se executar o repertório de uma época segundo os padrões musicais acadêmicos da época em que vivemos. Para além destas dificuldades está, contudo, o trabalho de leitura e de execução musical, já que, para o projeto ora discutido, não contamos com músicos profissionais: todos, inclusive o responsável pelo desenvolvimento do repertório, são amadores, porém têm recebido auxílio de profissionais da Faculdade de Música da Universidade Estadual de Maringá.

As peças do Classicismo, além de serem adequadas para a formação musical que temos, auxiliam na formação musical, pois nelas é possível explorar fraseado, respiração, pausas, pausas de expressão e dinâmicas as mais diversas.

Antes de selecionar um repertório, é imprescindível que se conheça o nível dos músicos. Para a admissão dos músicos ao grupo, tivemos exigências mínimas: leitura à primeira vista (de peças de nível fácil), fluência na leitura e afinação. Conseguir a afinação e mantê-la, em instrumentos de cordas friccionadas, é uma dificuldade para os músicos, mas sem esses requisitos mínimos não é possível desenvolver um repertório que privilegie a música erudita.

Para este projeto, foi possível escolher a peça de Mozart que informamos acima, com a consciência, contudo, de que a peça estaria apresentável para o público em três ou quatro meses, mas que estaria num bom nível de execução musical após, no mínimo, um ano de estudos sistemáticos.

Em termos didáticos, é importante escolher peças que possam ser realizadas num período curto de tempo, por várias razões. Quando trabalhamos com projetos de extensão desta natureza e temos como objetivo o desenvolvimento de determinado repertório, não podemos selecionar uma peça ou duas peças que levarão um ano ou dois para atingir o nível de suficiência para ser apresentada. Isto não é nenhum incentivo para os músicos, que poderiam se sentir frustrados e abandonar o projeto. Por outro lado, não é aconselhável escolher apenas peças que o grupo poderia executar facilmente em pouco tempo, pois isto não representa nenhum desafio: o músico fica acomodado, trabalha somente a superfície da peça e não evolui musicalmente.

É importante levar em conta o equilíbrio no repertório. A inclusão de peças de dificuldade média é um bom recurso para a evolução dos músicos. O processo de estudos sistemáticos deve ser acompanhado, na medida do possível. Assim, de um ensaio para outro, quando se pede ao músico que se dedique especialmente a uma parte da peça estudada, é preciso ouvir o trecho a que ele se dedicou, observando a evolução e fazendo ainda as correções necessárias.

ENSAIOS

Discorreremos aqui sobre alguns procedimentos metodológicos adotados nos ensaios. Os ensaios da orquestra de câmara da UNIOESTE são realizados às terças e quintas-feiras, das 09h00 às 11h00, sempre que possível, na sala de reuniões do Conselho Universitário, na sede da Reitoria da UNIOESTE. No momento, a universidade enfrenta problemas com espaço para realização dos projetos, o que é visto, particularmente, como algo positivo, já que é melhor lutar por espaços físicos para a realização de projetos do que ter espaços ociosos.

O primeiro passo no ensaio é a afinação, cujo parâmetro é a nota lá, afinação 440. Uma vez afinados os instrumentos, iniciamos com exercícios ou mesmo com determinado trecho de uma peça (se pedido

no ensaio anterior). Os exercícios de leitura à primeira vista de peças novas ocorrem durante os ensaios. A primeira leitura é feita com a presença do responsável pelo grupo. Assim, evitamos erros.

ENSAIOS INICIADOS POR EXERCÍCIOS

Geralmente, neste tipo de ensaio, pede-se a cada músico que realize, individualmente, em seu instrumento, escalas maiores com extensão de duas a três oitavas, movimento ascendente e descendente, em que deve ser observada principalmente a afinação. Este é o ponto de partida para trabalhar com os músicos as armaduras de clave e as regras para definição de tonalidade das peças.

O músico deve executar a escala em andamento lento e com pelo menos duas dinâmicas diferentes, indicadas no ato da execução da escala. Depois do exercício individual, pedimos aos músicos que iniciem a escala em notas diferentes, por exemplo, numa escala de *sol maior*, o violoncelo inicia em *sol* e os violinos em *si*, ou o violoncelo inicia em *si*, os violinos II em *sol* e os violinos I em *si*. Observamos então a afinação dos intervalos, geralmente terças e sextas.

É comum também pedirmos a formação de um acorde maior e o acorde menor de sua quinta inferior, deixando que as notas soem por pelo menos 8 tempos em andamento lento. São realizados ainda exercícios de tipos de toque e de *legato* e *staccato*, em que se procura observar a uniformidade do som, conseguida aí principalmente a partir da articulação.

ENSAIOS INICIADOS COM PEÇAS NOVAS

Neste tipo de ensaio, os músicos recebem no início a partitura da nova peça a ser estudada. Recebem a grade de todos os instrumentos e a parte de seu instrumento, separadamente. O músico é aconselhado a tocar, por determinado tempo, com a grade, para que assim possa se acostumar às partes dos outros instrumentos.

O primeiro momento é uma discussão sobre a peça e o compositor: em que época foi concebida, quais as principais características do período em que se enquadra, marcas estilísticas de seu compositor, para que tipo de formação musical foi escrita, para que tipo de público, etc.

Depois da discussão em torno do período da obra, passamos às leituras. A primeira leitura é acompanhada e supervisionada pelo regente, que tem o papel de auxiliar o músico na leitura, observando leitura, fluência, afinação, tempo, acentuações, fraseado, dinâmica, etc. Em seguida, partimos para a junção dos instrumentos. Nesta

primeira junção, o andamento é bastante lento e, quando necessário, o regente conta em voz alta os tempos para que os músicos se orientem. É muito importante aqui que os tempos sejam rigorosamente obedecidos. Mesmo que haja problemas de afinação, não paramos aqui os músicos para corrigi-los.

Quando os instrumentos já repetiram um trecho curto (no máximo duas páginas) várias vezes e se habituaram à peça, aceleramos um pouco o andamento (caso seja necessário, de acordo com a indicação na peça) e passamos a dar mais atenção à dinâmica. O que ocorre em seguida, e constantemente, é voltar a atenção para cada uma das frases, buscando a interpretação desejada. Para isso, é necessário, sobretudo, voltar-se a questões de técnica, para o que temos contado com o apoio de profissionais.

ENSAIOS INICIADOS COM PEÇAS EM ANDAMENTO

Neste tipo de ensaio, privilegiamos trechos de peças em andamento. Naturalmente, são peças a que os músicos já estão habituados. O caminho para a interpretação desejada deve ser aquele que permite superar dificuldades técnicas, pois se o músico fica extremamente preocupado com a superação de desafios técnicos durante a execução, acaba se esquecendo da interpretação, realizando apenas uma dinâmica superficial que não contribuirá para dar à peça a caracterização necessária.

Assim, os ensaios com peças em andamento dividem-se em duas partes: aquelas que visam à superação das dificuldades técnicas e outra em que se privilegia a dinâmica. No momento do ensaio, para que os músicos interpretem a peça *comme il faut*, a dinâmica é realizada de forma bastante exagerada. Uma vez assimilada a dinâmica que valoriza o fraseado, retoma-se o trecho e, depois, o movimento todo, pois chega então o momento de reorganizar as dinâmicas e a intensidade do trecho que foi trabalhado dentro do movimento: é como o trabalho de um microtexto numa estrutura textual maior.

Uma vez atingido o nível suficiente para apresentação, a peça passa a compor o repertório e, junto a outras peças, é sempre executada. Mesmo atingindo o nível suficiente para apresentação, sempre há aprofundamento na interpretação e fraseologia musicais.

O grupo tem se apresentado na abertura de vários eventos, mas também tem produzido eventos, ou seja, recitais em que o cerne é a própria arte musical, como ocorrido, por exemplo, em Marechal Cândido Rondon (Prelúdio em comemoração aos 30 anos do campus de Marechal Cândido Rondon), em novembro de 2010, e no concerto beneficente para as vítimas do terremoto do Haiti, no Centro Cultural Gilberto Mayer, em fevereiro de 2010.

REFERÊNCIAS

BENNET, R. *Forma e estrutura na música*. trad. Luiz Carlos Cseko, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

GROUT, D. J.; PALISCA, C. *A history of western music*. 4ª. Ed., New York: Norton, 2005.

MARTINEZ, E. *Técnicas de regência: aspectos práticos do gestual*. Curitiba: Editora Positivo, 1998.

ROCHA, R. *Regência: uma arte complexa: técnicas e reflexões sobre a direção de orquestra e corais*. Rio de Janeiro: Íbis Libris, 2004.